

Gênero e sexualidade nas escolas: o que dizem os (as) alunos (as)?

Ronan Barreto Rangel da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
ronanbarreto@hotmail.com
Alexsandro Rodrigues
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
xela_alex@bol.com.br

Introdução

Partindo dos estudos de alguns teóricos que trabalham com gênero e sexualidade nas escolas, vamos entendendo que a sexualidade habita os corpos, evidencia curiosidades e descobertas presentes no cotidiano e está presente no diálogo entre professores e as crianças, fundamentando a nossa condição humana e no desejo de saber. Este diálogo não tem tempo e nem espaço determinado, podendo acontecer durante uma aula de matemática, português ou até a caminho do laboratório para uma aula de informática (RIBEIRO; SANTOS: 2008 p. 231).

Desse modo, a presente pesquisa intitulada Gênero e sexualidade nas escolas: o que dizem os (as) alunos (as)? busca não achar uma resposta definitiva para tal pergunta, mas investigar em um trabalho conjunto as pistas e evidências que o universo escolar nos proporcionam para explorarmos esse tema tão complexo que é a sexualidade. Outro ponto importante da referida pesquisa diz respeito ao cenário atual de grandes debates e de verdadeiras “guerras” travadas entre parcelas da sociedade a cerca também das temáticas de gênero e principalmente de sexualidade. Perguntas que geram perguntas nos acompanhou no processo de fazer/viver e aprender com a pesquisa. E uma delas foi: Em que condições as temáticas de gênero e sexualidade nos documentos oficiais e nos meios acadêmicos? Para isso tomamos como campo de possíveis o diálogo com o um documento oficial e uma obra acadêmica.

No caso do documento oficial achei interessante e necessário utilizar o tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que trata de gênero e sexualidade, e como obra acadêmica escolhemos a obra da professora Guacira Lopes Louro intitulada “Gênero, sexualidade e educação” (1997) na qual ela faz uma brilhante problematização a cerca dos temas em discussão, pautando sempre seus comentários pelo viés dos discursos/textos pós-estruturalista. A partir dessas duas obras tecemos alguns

comentários que julgamos ser necessário para o desenvolvimento de nosso trabalho e compreensões acerca do tema do universo vivido da educação.

Possuindo como objetivo geral a compreensão das relações das escolas com as questões que envolvam as temáticas de gênero e sexualidade nas escolas, vamos tentando perceber o universo da escola e como suas narrativas ampliam e dificultam o trabalho com a temática (gênero e sexualidade). Refletir sobre como os discursos midiáticos estão produzindo efeitos e consequências nos espaços escolares.

Metodologia

Seguindo nosso Cronograma da pesquisa, utilizamos os meses de outubro, novembro e dezembro para nossas conversas e pesquisas sobre a formulação de uma metodologia compatível a proposta em questão. Mediante isso, ficou acertado que nosso trabalho seguiria a linha metodológica das pesquisas dos/nos/com os cotidianos, uma vez que entendemos ser essa metodologia a mais adequada para a proposta da pesquisa. Tomamos como base para nossas discussões metodológicas os estudos dos/com/nos cotidiano e fomos assim, bebendo em todas as fontes como bem nos ensina Nilda Alves.

Para ela:

Assim, ao contrário da formação aprendida e desenvolvida na maioria das pesquisas do campo educacional, inclusive em muitas sobre o cotidiano escolar, que, de maneira muito frequente, têm assumido uma forma de pensar que vem negando o cotidiano como espaço/tempo de saber e criação, vou reafirmá-lo como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória e solidariedade, precisando ser entendido, também e, sobretudo como espaço/tempo de grande diversidade. (ALVES, 2001, p. 17).

Íamos compreendendo que o cotidiano escolar constituía-se em espaçotempo de resistência, de debate, de saber e principalmente de conhecimento. Nos textos dos professores (as) Nilda Alves, Maria Tereza Esteban, Carlos Eduardo Ferrazo fomos compreendendo o que Certeau (1994) queria dizer quando nos propôs o cotidiano enquanto campo de estudo. Ou seja, as pesquisas dos/nos/com os cotidianos partem do campo do vivido, do sentido, do observado sendo necessário aos pesquisadores sensíveis as práticas e aos praticantes atentarem-se para os mínimos detalhes nas escolas.

Outra marca registrada das pesquisas nos/dos/com o cotidiano é a não separação entre pesquisa e pesquisador, ou seja, a não separação entre objeto e sujeito, forma que é bem

característica do processo de pesquisa da ciência moderna e positivista. Assim segundo Ferrazo (2003):

De modo geral, uma metodologia de análise a priori nega a possibilidade do “com”, do “fazer junto”. Resulta em uma metodologia que acontece que pensa antes o que poderá acontecer. Possível, mas não passam de previsões, como as do tempo... A identificação objetiva de “categorias” e /ou “temas” de análise dos cotidianos só é possível, só tem sentido em estudos e pesquisas “sobre” os cotidianos. Pesquisar “sobre” traz a marca da separação entre sujeito e objeto. Traz a possibilidade de identificarmos o cotidiano como objeto em si, fora daquele que o estuda que o pensa ao se pensar. Traz a marca do singular, do identificável em sua condição de objeto. Pesquisar “sobre” aponta a lógica da diferença, do controle. Resulta no sujeito que domina, ou crê dominar, o objeto. Um “sobre” o outro, que “encobre”, que se coloca “por cima” do outro sem entrar nele, sem o “habitar”. Pesquisar “sobre” sugere a intenção de poder falar do outro a partir do outro, isentando-nos desse outro, colocando-nos separado desse outro. (FERRAZO, 2003, p. 162).

Notando aquilo que aparentemente aos olhos dos outros não tem importância, e que para nós se converte no nosso campo de atuação e foi na dimensão vivida que esta pesquisa fez sentido para os envolvidos com o seu acontecimento.

Desenvolvimento

Uma vez realizada a primeira e a segunda etapa da pesquisa intitulada “Gênero e sexualidade nas escolas: o que dizem os (as) alunos (as)?”, passamos para terceira etapa da pesquisa, na qual consiste, de acordo com o cronograma de atividades, na aproximação com os espaços de pesquisa, no caso da escola onde o estudo foi realizado e a observação in loco desse mesmo espaço, aproveitando esse momento para buscar entrevistas/conversas/narrativas e demais procedimentos de levantamento/construção de dados.

Para realização desta terceira etapa ficaram disponíveis os meses de janeiro, fevereiro e março, sendo confeccionado ao final desse período um relatório com um balanço dos materiais e das informações colhidas até o prazo estipulado.

A escola escolhida para desenvolver minhas atividades de aprendiz-pesquisador foi uma escola municipal de ensino fundamental da cidade de Vitória. Tal escola localiza-se na região da Grande São Pedro. A instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida se configura como a maior escola da rede municipal em números de estudantes matriculados, com um quantitativo superior a 1000 alunos.

Funcionando nos três turnos (Matutino\Vespertino\Noturno). A escola se caracteriza como maior construção da região, localizada no centro do bairro, tornou-se referência não só de educação como também de prática social do bairro, uma vez que permanece

aberta aos finais de semana com projetos sociais desenvolvidos pelo Governo Federal como o “Escola Aberta” e com projetos desenvolvidos pela comunidade em parceria com a equipe pedagógica da escola. A escola possui uma construção imponente toda cercada por grades e muros. Segundo a pedagoga do turno vespertino de 6º ao 9º ano isso, as grades/muros altos existem como forma/tentativa de:

“para garantir a segurança não só dos alunos mais principalmente dos profissionais da que ali trabalham porque a região em torno da escola é extremamente perigosa, tendo pontos de tráfico de drogas em vários locais próximos a escola”. (pedagoga da instituição).

Fomos compreendendo na mais íntima relação com a escola e suas práticas que a arquitetura e a ocupação dos espaços físicos não são neutras. A arquitetura escolar interfere na forma de circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um desses locais tem uma função definida. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa (DAYRELL: 2001 p. 147).

Ao me deparar com a fala da pedagoga observei novamente as constatações de Dayrell que nos afirma que os muros da escola demarcam claramente a passagem entre duas realidades: “o mundo da rua e o mundo da escola, como que a tentar separar algo que insiste a se aproximar. A escola tenta se fechar em seu próprio mundo, com suas regras, ritmos e tempos (DAYRELL: 2001 p. 147)”.

Mediante o exposto, o primeiro local ao qual me atentei dentro da escola foi à sala da biblioteca. Lá encontrei Magy a bibliotecária a qual entrevistei. A estrutura física da sala é bem ampla contendo inúmeras mesas de leituras e segundo ela mais de quatro mil exemplares de livros, revistas, gibis e outros tipos de documentos. O ambiente da biblioteca é bem agradável e acolhedor, todo decorado com imagens de grandes escritores brasileiros. No questionário desenvolvido para pesquisa de campo o qual ela respondeu, sobre a acusação deste estar muito difícil, encontrei algumas observações importantes. Dentre as respostas da entrevistada chama a atenção as de número 6, 12. Quando perguntado a bibliotecária se ela percebe dificuldades de estudantes LGBT na escola ela respondeu que:

“Nunca presenciei qualquer tipo de dificuldades por parte dos alunos”.

A questão que interrogava sobre como se estabelece as relações de amizade com os alunos tomando a diversidade sexual como referência a bibliotecária respondeu da seguinte forma:

“As relações são normais.”

Entretanto, a fala da bibliotecária e de tantos outros profissionais da educação não representa a realidade sobre as questões relacionadas a gênero e sexualidade dentro das instituições escolares. O que observamos é que cada vez mais estereótipos e preconceitos encontram perpetuação dentro das instituições de ensino.

A escola entende disso. Na verdade ela produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos tornando aqueles que nelas entravam distintos dos outros, os que a ela não tinha acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 1997, p.57).

Podemos notar que os comportamentos e as falas sexuais e de gênero em torno dos/as alunos/as estão cada vez mais indo no sentido inverso dos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais que nos afirma que: “na observação do corpo dos outros, nessa exploração do próprio corpo, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina (PCN: 1998 p.296).” Outra informação importante diz respeito ao material disponível na biblioteca para consulta sobre questões relacionadas à diversidade sexual. Segunda a bibliotecária chegou para escola mais de 100 exemplares da cartilha sobre diversidade sexual na escola, entretanto ao observar o material na biblioteca à pedagoga do turno matutino de 1º ao 5º ano solicitou que a bibliotecária retira-se tal material da sala e encaminhasse para sua sala, segundo Magy:

“Depois disso, nunca mais vi essas benditas cartilhas, e olha que elas tinham acabado de chegar, os meninos nem puderam vê-las.

Novamente nos deparamos com uma realidade extremamente contrária aos PCN's, pois seja por concepção pedagógica, questão religiosa ou simplesmente por desconhecimento sobre a temática, os/as profissionais/as da educação devem se atentar minimamente para o objetivo dos PCN's que visam:

“ promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipe pedagógica, bem como de pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade (PCN: 1998 p. 287).”

Após esse dia, segundo a bibliotecária nunca mais chegou nenhum material de apoio relacionado a esse tema. Entretanto, dentro da biblioteca existe uma prateleira inteira dedicada à obstetrícia (o nome da sessão é exatamente esse) que informa sobre como as meninas devem se comportar durante sua gravidez, sendo que as recomendações feitas aos meninos ficam apenas no plano da prevenção. Tal fator nos chama a atenção para o caráter biológico com qual a sexualidade é tratada dentro da escola.

Quando a temática sexualidade aparece nos espaços escolares, geralmente encontra-se associada a tal caráter. Entretanto a própria Organização Mundial da Saúde deixa claro em seu documento que a sexualidade é forma integral da personalidade de cada um.

É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Para OMS a sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso, é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de se sentir, na forma de as pessoas tocarem e serem tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e tanto saúde física como mental. Se a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como um direito humano básico (OMS: 1975 p. 85).

Conversando com a equipe pedagógica da escola sobre qual a melhor forma para realização de conversas e entrevistas com os alunos encontramos bastante resistência por parte deles, sendo necessária a intervenção do diretor da unidade de ensino para mediar às conversas. Assim, ficou acertada a liberação de quinze alunos, cinco de cada turma das séries finais, ou seja, cinco alunos do 8º ano “C”, cinco alunos 8º ano “D” e cinco alunos do 9º ano “C”. Tal divisão foi imposta pela equipe pedagógica, pois, segundo eles:

“só as duas séries finais tem discernimento para tratar questões referentes à sexualidade, as demais séries possuem alunos muito novos para abordagem de tal tema”.

Mediante tal imposição da equipe pedagógica começamos minha série de entrevista e conversas com os alunos. Ficou acertado um encontro semanal de uma aula (50

minutos) com os cinco alunos de cada turma que foram selecionados pelas pedagogas da instituição. Analisando tal comportamento fomos reafirmando e também compreendendo a legitimação do pensamento de que sexualidade é um tema que ser tratado apenas pelos mais velhos, deixando de lado as concepções dos Temas Transversais dos PCN's que nos afirma que assim como a inteligência, a sexualidade será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e cultura. E que:

Os adultos reagem de uma forma ou de outra, aos primeiros movimentos exploratórios que a criança faz na região genital e aos jogos sexuais com outras crianças. As crianças recebem desde muito cedo, uma qualificação ou "julgamento" do mundo adulto em que estão imersas, permeado de valores e crenças atribuídos à sua busca de prazer, os quais estarão presentes na sua vida psíquica (PCN: 1998 p. 296).

Dos quinze alunos\as selecionados doze são do gênero masculino e apenas três são do gênero feminino, um fato que deixa bem claro já de início o preconceito e da dificuldade por parte dos gestores da instituição da abordagem do tema com o gênero feminino, fato lamentável. Já que foi entregue a cada membro da equipe pedagógica uma cópia do subprojeto e foi solicitado que não favorecesse nenhum dos gêneros. Entretanto, tal prática explicita novamente a contramão da escola mediante as propostas curriculares oficiais uma vez que nos PCN's. Nos PCNs, podemos encontrar a seguinte definição:

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto social das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de "masculino" e "feminino" como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. E como podemos observar na própria escola Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres (PCN: 1998 p. 322).

No início da pesquisa deixamos bem claro para os alunos selecionados que aquele momento fazia parte de uma pesquisa e que todas as informações ali declaradas deveriam trazer a tona tons de uma realidade vivida e sentido por eles. Logo em seguida

lemos o projeto da pesquisa para eles e esclarecemos as primeiras dúvidas que foram surgindo.

Começamos a entrevista questionando aos alunos se já ouviram falar na sigla LGBT e nas palavras gênero e sexualidade.

Com relação à sigla nenhum dos alunos e alunas souberam informar de forma precisa o significado de todas as letras da sigla, a maioria deles e delas só souberam o que representava o L e G referindo-se a lésbicas e gays.

Nenhum dos/as entrevistados/as e entrevistadas souberam diferenciar um/uma travesti de um/uma transexual. Quando esclarecemos as distinções à reação dos/das estudantes foi imediata com palavras tais como “misericórdia”, “credo”, “ta doido” entre outras, sempre sendo com tons homofóbicos.

Com relação à palavra sexualidade todos/as souberam explicar aos seus modos parte do conceito, já com relação à palavra gênero nove alunos não souberam explicar nada sobre tal conceito, sendo que seis desses/as nove associaram a palavra ao conceito gramatical utilizado na disciplina de Língua Portuguesa.

O que se observa dessas reações dos/das alunas é um total desconhecimento das temáticas de Orientação Sexual, orientação essa que também é função das escolas. Os alunos/as não compreendem conceitos básicos como a distinção de organismo e corpo. Nos PCNs encontramos a seguinte orientação:

O organismo refere-se ao aparato herdado e constitucional, À infraestrutura biológica dos seres humanos. Já o conceito de corpo diz respeito às possibilidades de apropriação subjetiva de toda a experiência de interação com o meio. O organismo atravessado pela inteligência e desejo se mostrará um corpo. No conceito de corpo, portanto, estão incluídas as dimensões da aprendizagem e todas as potencialidades do indivíduo para a apropriação das suas vivências (PCN: 1998 p. 317).

Uma informação que muito nos chamou a atenção foi dada pelos seis alunos/as que souberam explicar o conceito de gênero. Segundo eles/as a professora de história no ano anterior trabalhou em sala de aula tal conceito. Quando encontramos a professora de história e a questionamos qual material ela havia utilizado para trabalhar com os seus alunos/as ela nos informou que:

“Eu montei uma série de três aulas baseadas em um curso de formação continuada que fiz. Acho muito importante trabalhar as questões de gênero, principalmente nos tempos atuais onde nos mulheres temos que nos desdobrar em várias. Temos que entender que os homens não são nem nunca foram melhores do que nós em nada! Eu procuro sempre que estou explicando minha matéria fazer uma conexão com gênero, mas infelizmente a prefeitura não ofereceu nenhum curso sobre Orientação Sexual.”

Baseado na fala da professora de história pode tecer alguns comentários importantíssimos. Primeiro, a importância das capacitações e das formações continuadas por parte dos gestores, uma vez que segundo a própria professora, se a prefeitura não houvesse ofertado o curso de gênero que é feito em horário de trabalho ela não teria possibilidade de fazê-lo. Segundo, quais fatores e interferências levaram a oferta do curso de gênero e não um curso de gênero e Orientação Sexual ou ainda um curso de gênero e um curso de Orientação Sexual? Outra questão importante gira em torno do por que somente a professora de história trabalha com noções de gênero quando os PCN's nos diz as diferentes áreas do conhecimento escolar devem contribuir para o desenvolvimento da temática? . O que podemos concluir desse ponto é que além de políticas públicas articuladas com as temáticas em questão, deveria haver um envolvimento maior por parte dos/as profissionais/as envolvidos na área da educação, buscando a compreensão das temáticas.

Passando para uma segunda pergunta questionamos aos alunos/as se eles/as percebem a existência da diversidade sexual na escola.

Ao término da pergunta uma onda de gargalhada e piadas invadiram o ambiente. Quando perguntamos o porquê dos risos e das piadas eles/as explicaram que o que mais se tinha na escola era “viado”, listaram o nome de treze alunos. Ao perguntar como era o relacionamento deles/as com esses colegas novamente uma onda de risos e piadas predominou. Nesse momento foram às meninas que se anteciparam falando que por parte delas a relação com os colegas era normal sendo eles tratados por elas da mesma forma que os outros. Os meninos alegaram que não tinham nada contra os colegas, mas que eles não tinham contato com eles, na afirmação de um dos alunos: “cada um fica no seu canto”. Uma dúvida surgiu por parte de um aluno que me disse que um desses treze colegas era muito “mulher”, e se isso fazia desse colega um travesti.

Baseados nessas falas vamos compreendendo com ajuda dos documentos oficiais, em nosso caso específico com os PCNs:

que as manifestações de sexualidade acontecem na realização das carícias do próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem a ao sexo, nas perguntas ou ainda na imitação de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta (PCN: 1998 p. 300).

É válido ressaltar que ao acontecerem manifestações homofóbicas no espaço escolas é necessária a instituição se posicionar de forma consciente sobre o preconceito e a manifestação da sexualidade de seus educandos.

A terceira pergunta que fizemos aos alunos referia-se a como eles percebiam as dificuldades dos estudantes LGBT na escola.

Eles\as nos disseram que tais alunos não tinham dificuldades, pelo contrário, que eles sempre gostavam de aparecer e que sempre estavam envolvidos em atividades com as professoras de artes, educação física e história. Quando questionamos como eles se sentiriam se eles fossem esses colegas e percebessem que outras pessoas riam de suas atitudes, eles não souberam responder o que eles\elas fariam.

A quarta pergunta feita foi referente à homofobia. Primeiro perguntamos se eles\as sabiam o significado da palavra e depois se eles\as se consideravam homofóbicos.

Todos souberam responder o significado da palavra homofobia. Quanto à segunda parte da pergunta, apenas quatro deles\as se consideraram homofóbicos, sendo que os quatro eram do gênero masculino. Dois dos meninos que não se declararam homofóbicos, afirmavam que não *concordam com a opção sexual dos colegas alegando que Deus criou o homem para mulher e não para outro homem e que quando chegasse a hora do juízo final eles iriam ter que se acertar com Deus*. Como podemos observar, fica bem nítido o preponderante o papel que a igreja exerce em suas vidas.

A quinta pergunta feita dizia respeito à questão dos banheiros. Perguntamos como encaravam o uso de banheiros distintos por meninos e meninas e como eles\as reagiriam se um menino ou uma menina não quisesse utilizar o banheiro a que fosse destinado a ele\ela?

A reação por parte deles\as foi de total estranhamento, nenhum deles\as no primeiro momento estenderam a pergunta. Quando explicamos novamente eles\as afirmaram que nunca imaginaram essa situação e que se sentiriam muito incomodados se um aluno do gênero oposto frequentasse o banheiro destinado ao seu gênero. Quando alertamos que os banheiros deveriam ser espaços apenas para realização das necessidades fisiológicas

não tendo o porquê a distinção entre banheiro feminino e masculino houve um pausa silenciosa.

Após esse primeiro momento eles\as refletiram por um tempo e logo em seguida argumentaram que mesmo assim não se sentiriam bem com essa situação. Segundo uma das alunas *“eu não iria me sentir segura com a presença de um menino dentro do banheiro feminino, eles são muito safados”*.

A sexta pergunta que fizemos aos alunos\as foi referente à questão de relacionamentos dentro da escola. Segundo o\as alunos\as a escola proíbe namoro e qualquer forma de manifestação mais carinhosa dentro de seu ambiente. Para seis dos quinze alunos\as entrevistados\as essas medidas são benéficas. Segundo um desses seis alunos cada vez mais *“as meninas estão tiradas, se achando as tais”*.

De acordo com duas das três meninas presentes no grupo o comportamento das garotas com relação aos relacionamentos na escola é mais agressivo que o dos meninos. Para elas as meninas da escola *“não dão mole pros caras da escola, eles são muito crianças”*. Durante nossas conversas sobre o comportamento das meninas dentro do ambiente escolar, observamos a presença de um comportamento sexista. A todo o momento não só os alunos, mas também as alunas legitimavam tais posturas e estereótipos. De acordo com um dos alunos *“as meninas deveriam se preservar mais para não ficarem faladas” por que segundo ele “os meninos não gostam de ficar com meninas que ficam com qualquer um”*.

Dando continuidade as nossas conversas questionamos a eles\as sobre qual o papel das mídias para os debates sobre as temáticas de sexualidade gênero. Para todos os\as alunos\as as mídias são benéficas, pois segundo eles\as através das mídias ocorre uma maior propagação de informações e ideias, o que facilita os debate para as questões expostas.

Quando problematizamos sobre o que eles\as achavam dos personagens caricatos das novelas eles\as novamente, legitimaram seus posicionamentos. Segundo uma das meninas *“os personagens como o “Crô” ajudam a popularizar e a criar uma aceitação por parte das pessoas com os gays.”* Sobre os perigos das informações falsas que as mídias transmitem ou podem transmitir eles\as afirmaram de forma bem vaga que

“devemos ter muito cuidado com as informações das mídias, principalmente da internet”.

Colhidas as informações, fazendo um primeiro levantamento e organização dos dados o que pudemos observar foi que, ao longo desse período de pesquisa de campo as atitudes e as falas dos/as alunos/as e principalmente dos professores estão reproduzindo de forma cruel os discursos heteronormativos, homofóbicos e sexistas.

A presença da religião, principalmente a da vertente evangélica, se faz muito forte e presente dentro da instituição. Sobre a égide de um discurso salvacionista e purificador as práticas e a presença homossexual estão sendo colocado em um segundo plano, perpetuando as antigas e tradicionais ideias sobre a educação.

Conclusões

Ao término desse trabalho pudemos tirar algumas conclusões. A primeira delas é que percebemos como é latente a necessidade de se discutir, implementar a Orientação Sexual na escola de maneira efetiva, mas sem programa, programa vazio, produzido nas mais íntima relação de curiosidade e necessidade os alunos.

O que ficou mais claro nesse estudo foi o dualismo entre teoria e prática. Os professores de uma maneira geral conhecem os PCN's e entendem a importância de se trabalhar a sexualidade na escola, contudo, não o incluem em suas práticas e discussões.

Outros pontos observados referem-se a: dificuldades encontradas pelos professores ao se discutir a sexualidade na escola, a incompreensão dos pais a respeito do assunto, a falta de conhecimento dos professores e dos pais com relação à temática, a pouca idade das crianças. Todos esses fatores são elencados com empecilhos para abordagem dos conteúdos de gênero e sexualidade.

O que vemos é que existe ainda em nossa sociedade um grande tabu para tratar/conversar/problematizar sobre gênero e principalmente sobre sexualidade e isso para muitos ainda se constitui um problema. Contudo, sabemos que esses assuntos deveriam fazer parte de um processo de conhecimento que deveria ser feito de forma contínua no cotidiano da escola.

Mediante a omissão/dificuldade/cultura da família para lidar com as expressões da sexualidade de seus filhos, a escola assume esse importante papel; contudo, para que

isso ocorra de forma afirmativa, faz-se necessário investir na formação de professores e não apenas no professor de ciências, mas de todos que convivem com os alunos.

A tarefa urgente que a escola nos impõe é a de ajudar o aluno desde pequeno a enfrentar a vida e a lidar de forma saudável e equilibrada com as expressões/experiências sexuais próprias da sua idade.

É necessário que os educadores e educadoras se atentem para o fato de que a escola é um lócus de (in) formação, troca, conhecimento... pois o seu papel é promover debates entre os alunos, fornecendo-lhes informações claras e objetivas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais deixam bem evidenciados que a função da escola é transmitir informações, discutir e problematizar questões relacionadas a gênero e a sexualidade, contribuindo, assim, para o pleno desenvolvimento do educando. Nesse sentido, é necessário que a escola se reformule e que reveja suas atitudes pedagógicas e que se proponha a ouvir as belas e complexas histórias contadas por alunos e professores.

Temos consciência que o processo de mudança é algo difícil, sei que se caracteriza como compromisso árdua, os desafios são imensos, entretanto, cabe a cada um de nós ousarmos e tentarmos mudar esse quadro, promovendo a construção de outras praticas que se afirmam justas para todos e todas..

Referências Bibliográficas

ALVES, Nilda. (org.) *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *Criar currículo no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2002.

AUAD, Daniela. *Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Ministério de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais*. 1998.

ESTEBAN, Teresa Maria. *Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano*. In: GARCIA, Regina Leite. (org.) *Método, métodos e contramétodo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Eu caçador de mim*. In: GARCIA, Regina Leite. (org.) *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. Portugal: Porto editora, 2000.

_____. *Gênero, sexualidade e educação*. São Paulo: Vozes, 2000.

MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 1999.

RIBEIRO, Cláudia Maria; SANTOS, Natália dos. *O inusitado e o intencional na educação para a sexualidade*. In: RIBEIRO, Cláudia Maria; SOUZA, Ila Maria da Silva de. *Educação inclusiva*:

tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Lavras: Ed. UFLA, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Uma concepção Multicultural de direitos humanos*. In: Lua Nova. Revista de Cultura e Política, n.39, p.105-124. São Paulo: CEDEC, 1997.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Relações étnico-raciais*. In: MISKOLCI, Richard. Marcas da diferença no ensino escolar. São Carlos, Edufscar, 2010.